



## Quilombismo editorial e *ethos* discursivo: uma análise do site da Mazza edições

### *“Editorial Quilombism” and Discursive Ethos: an Analysis of the Mazza Editions Website*

Luiz Henrique Silva de Oliveira

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Minas Gerais/Brasil

henriqueletras@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0003-1287-5317>

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar o discurso de apresentação contido no site da Mazza Edições (<https://www.mazzaedicoes.com.br>). Para tanto, tomaremos duas categorias essenciais: o *quilombismo* e o *ethos discursivo*. Os quilombos, segundo Abdias do Nascimento, não se resumiram apenas a arregimentações sociais, constituídas por pessoas escravizadas, em territórios de exploração colonial. A solidariedade e a resistência são características marcantes destes coletivos. Tais características amparam as práticas chamadas por Nascimento de *quilombismo*. O autor propõe entender o quilombismo como estratégia contemporânea de enfrentamento de diversas ordens promovida pelo coletivo afrodescendente diante das inúmeras formas de discriminação e racismo. O campo editorial, por sua vez, não fica imune às práticas excludentes. Vale ressaltar que Oliveira propõe a noção de “quilombos editoriais” para classificar as iniciativas responsáveis por grande parcela da produção e circulação intelectual afro-brasileira. Já o *ethos* discursivo, segundo Dominique Maingueneau, é construído em suas múltiplas relações com os outros (sujeitos e discursos) e como eles emergem na articulação entre variados elementos (verbais e não verbais, éticos e estéticos) os quais necessitam da incorporação do interlocutor para apreendê-los em um conjunto complexo de representações sociais e culturais. Acreditamos que a junção entre *quilombismo* e *ethos* oferece mecanismos que auxiliam na compreensão do processo de colocação no campo cultural das casas ou quilombos editoriais.

**Palavras-chave:** Mazza edições; quilombismo; *ethos* discursivo.

**Abstract:** This article analyze the presentation speech contained on the MazzaEdições website (<https://www.mazzaedicoes.com.br>). We'll take two essential categories: quilombism and the discursive ethos. The quilombos, according to Abdias do Nascimento, were not just social regimentations, constituted by enslaved people, in territories of colonial exploitation. Solidarity and resistance are hallmarks of these collectives. These characteristics support the practices called “quilombismo” by Nascimento. This author proposes to understand quilombism as a contemporary strategy for confronting different orders promoted by the Afro-descendant collective in the face of countless forms of discrimination and racism. The editorial field, in turn, is not immune to exclusionary practices. It is noteworthy that Oliveira proposes the notion of “editorial quilombos” to classify the initiatives responsible for a large portion of Afro-Brazilian intellectual production and circulation. The discursive ethos, according to Dominique Maingueneau, is constructed in its multiple relationships with others (subjects and discourses) and how they emerge in the articulation between various elements (verbal and non-verbal, ethical and aesthetic) which require the incorporation of the interlocutor to apprehend them in a complex set of social and cultural representations. We believe that the junction between quilombism and ethos offers mechanisms that help to understand the process of placing editorial houses or “quilombos” in the cultural field.

**Keywords:** Mazza edições; quilombism; discursiveethos.

## 1. Introdução

A resistência à aniquilação tem sido a tônica do coletivo negro, desde a chegada em nosso território dos primeiros transplantados até os dias atuais. Em inúmeros momentos, o combate pela vida motivou ações individuais e coletivas. Durante o período escravocrata, por exemplo, parte destas ações foram organizadas por estratégias de inteligência coletiva e exploração das fragilidades do colonialismo. Estudiosos do tema – desde João José Reis (2003), passando por Sheila de Castro Faria (2007), Marcos Ferreira de Andrade (2008), até chegar a Keila Grinberg, Magno Fonseca Borges e Ricardo Salles (2008) – são unânimes em apontar a articulação entre coletividade e inteligência negras como estratégias vitoriosas no combate às diversas formas de opressão.

Exemplo desta articulação encontra-se no quilombo. Resultado de fugas daqueles espoliados pelo sistema escravista, os quilombos eram geralmente estabelecidos em territórios inóspitos e distantes dos centros administrativos urbanos ou rurais. Matas, regiões pantaneiras ou complexos rochosos foram os locais em que se abrigavam estas formas de vida-resistência coletiva. Nelas, pessoas de diversas origens se juntavam para tentar sobreviver. O resultado deste contato entre diferentes, mas que partilhavam os mesmos infortúnios, significou formas de reterritorialização cujo resultado é possível perceber, dentre outros aspectos, por meio das manifestações culturais. Ritos religiosos, cantos, poemas, danças e elementos culinários são apenas alguns exemplos imediatos deste cadinho de reelaboração que havia nos quilombos. A “impureza” da mistura quilombola foi responsável por estruturar formas de enfrentamento ao racismo, princípio de intolerâncias de inúmeras ordens. A este respeito, Achille Mbembe define o racismo como “jaula” da modernidade, isto é, “um complexo psiconírico” (MBEMBE, 2014, p. 25) que demanda desmonte justamente por meio de representações do universo negro a partir de um ponto de vista interno. Por sua vez, o quilombo almeja ser justamente o lugar da liberdade e da autoelaboração.

A fim de ampliar o entendimento do conceito de quilombo e suas estruturas, portanto, propomos três movimentos daqui em diante. O primeiro será o de debater o quilombismo, conforme proposto do Abdias do Nascimento. O segundo pretende discutir a noção de *ethos*, conforme a perspectiva de Dominique Maingueneau. E, finalmente, analisaremos o discurso de apresentação da Mazza Edições, relacionando-o com as noções de *ethos* e quilombismo. O nosso *corpus* será composto pelos textos de apresentação contidos no site oficial da referida editora. Faremos pesquisa bibliográfica e exploratória, considerando o objeto de análise e as fontes teóricas.

## 2. O quilombismo, segundo Abdias do Nascimento

Um dos pensadores brasileiros que mais se dedicou ao estudo do quilombo – entendido como organização – e ao quilombismo – entendido como forma de ser – foi Abdias do Nascimento. Para Nascimento, o quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros que objetiva reavivar práticas e estratégias de resistência inspiradas na República dos Palmares (século XVI) e outras iniciativas. “Quilombo

não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”, afirma o autor, que também acrescenta: “o quilombismo expressa a ciência do sangue escravo (NASCIMENTO, 1980, p. 263-264).

Como utopia, o quilombismo desaguaria numa espécie de Estado Nacional. Como pensamento crítico, o movimento sustentaria os princípios de uma sociedade livre, justa, igualitária e soberana. Em ambas as dimensões, o fim do quilombismo é a promoção da vida plena a todos seres humanos. Para realizar este objetivo, cabe ao movimento político buscar continuamente práticas coletivistas, o que implicaria repensar os vetores da produção, da distribuição e da divisão dos capitais e riquezas circulantes na sociedade. Educação e cultura seriam importantes pilares do desenvolvimento quilombista.

Por isso, Abdias do Nascimento defende a universalidade da educação gratuita, aberta e plural, com especial importância à História de África, sua diáspora e suas implicações para a Modernidade. Como o quilombismo propõe a fundação de uma sociedade criativa, ele procurará estimular todas as potencialidades do ser humano e sua plena realização. Nas palavras de Nascimento, o quilombismo deve “combater o embrutecimento causado pelo hábito, pela miséria, pela mecanização da existência e pela burocratização das relações humanas e sociais” (NASCIMENTO, 1980, p. 276). Nesta perspectiva, as artes em geral ocupariam um espaço central no sistema educativo e no contexto das atividades sociais. O mesmo vale para os meios de produção e circulação das artes, como, arriscamos dizer, o campo editorial. Mas, neste caso, manipulado por mãos de cor escura.

Na esteira das provocações de Abdias do Nascimento, inúmeros afro-brasileiros têm se organizado em vários campos da cultura a fim de viabilizar formas de afirmação de suas existências. No domínio das Letras, já nos é notória a existência de uma linhagem chamada de literatura negra ou afro-brasileira (a variação do conceito para nossos fins não importa). Conforme aponta Eduardo de Assis Duarte (2011), esta literatura é definida pelos seguintes elementos: autoria, temática, ponto de vista, linguagem e formação de público leitor.

Já do ponto de vista editorial, quando tratamos especificamente de iniciativas comprometidas com a difusão do livre pensamento negro/ afro-brasileiro, notamos características semelhantes: um editor negro ou imerso na causa negra, como fim e começo; o universo afrodiáspórico

como essência temática do catálogo; o ponto de vista mercadológico e cultural guiado pelo compromisso com o coletivo negro – o que só é possível se a editora for pautada pela lógica independente<sup>1</sup>; a difusão da bibliodiversidade, o que inclui o enfrentamento a formas e discursividade instituídas; e o compromisso com a formação de um público leitor (e consumidor) da produção intelectual negra.

Parece apropriado referir-se às casas e/ou iniciativas editoriais negras como *quilombos*, entendendo este termo, em uma acepção ampliada. Amparado pelas reflexões de Abdias do Nascimento (1980), Luiz Henrique Oliveira (2018) propõe entender o quilombo como metáfora para compreensão das propostas de atuação das casas editoriais negras. Para Oliveira, os *quilombos editoriais* são

um conjunto de iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico. Possuem caráter deliberadamente independente. Seus autores são preferencialmente negros ou, em alguns casos, não-negros comprometidos com o combate ao racismo em todas as suas formas. O catálogo é vasto e diverso, com ênfase em ciências humanas, cultura, artes e literatura. Possuem nítido projeto de intervenção político-intelectual a fim de criar debates e formar continuamente leitores sensíveis à diversidade em sentido amplo. Para além de casas de publicação, operam como territórios de ação e resistência ao bloqueio tácito no campo editorial brasileiro. (OLIVEIRA, 2018, p. 157).

Os quilombos editoriais atuam exclusivamente no campo da publicação (principalmente individual de autores negros) e da intervenção cultural. Dentre eles, destacamos: a Tipografia Fluminense de Brito e Cia. e a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro, criadas por Francisco de Paula Brito; a Editora Pallas; a Mazza Edições; a Nandyala Editora; a Editora Ogum's Toques Negros; a Editora Malê; e a Ciclo Contínuo Editorial.

---

<sup>1</sup> Cf. LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. *Independientes, ¿de qué?* Hablan los editores de América Latina. México: FCE, 2016; e OLIVEIRA, Luiz Henrique. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. *Aletria: revista de estudos de literatura*, v. 28, p. 155-170, 2018.

Estas casas ou quilombos editoriais, porém, só conseguirão ser bem-sucedidas em suas empreitadas se conseguirem comunicar – e bem – suas estratégias. Do ponto de vista comunicativo, é necessário que a casa de publicação projete os seus interesses, motivações e valores nos atos comunicativos que realiza. E, por sua vez, os interlocutores precisam se identificar com os interesses, motivações e valores das casas de publicação. Com base nesse movimento dialético, podemos dizer que atua o *ethos*, mais especificamente, aqui, editorial e quilombola. Bom exemplo é a Mazza Edições, editora fundada em Belo Horizonte, por Maria Mazarello Rodrigues, em 1981. Vejamos, antes, como se estrutura a noção de *ethos*.

### 3. O *ethos*, segundo Dominique Maingueneau

Neste estudo, a noção de *ethos* será entendida como a construção da imagem de si que o enunciador realiza *no e pelo* processo discursivo. Por sua vez, esta imagem própria encontra-se ancorada em representações razoavelmente cristalizadas, seja na imagem prévia que se tem de quem enuncia ou recebe a mensagem; seja por meio de estratégias discursivas (verbais e não verbais); seja através das características consensuadas nos gêneros que estruturam a cena discursiva.

Para Dominique Maingueneau, o *ethos* não pode ser definido de maneira estática, tampouco pode ser bem delimitado, uma vez que ele é definido como “uma forma dinâmica construída pelo destinatário através dos movimentos da própria fala do locutor” (MAINGUENEAU, 2008, p.14). Segundo o autor francês, deve-se levar em consideração o fato de que o discurso (qualquer discurso) se encontra amparado por conjunturas de ordem social e histórica. Assim, cabe ao destinatário conferir determinadas características no momento em que ocorre o ato enunciativo.

É bem verdade que o enunciador procura estabelecer legitimidade, confiança e crédito ao que é dito. Contudo, o *ethos*, na perspectiva de Maingueneau, não está relacionado apenas à dimensão verbal do discurso. Ele também leva em conta as caracterizações físicas e psíquicas referentes ao enunciador. Por sua vez, as caracterizações não são abstratas: elas se estruturam por meio de representações coletivas e essenciais, situadas no tempo e no espaço, denominadas por Maingueneau de estereótipos. E estes são fundamentais para a estruturação do *ethos*. Os estereótipos, vale lembrar, não dizem respeito a imagens necessariamente negativas, mas

sim a imagens prévias e/ou relativamente consensuais em determinada sociedade, em dado momento histórico. Vejamos o diagrama elaborado pelo autor:

Figura 1: *Ethos* efetivo, segundo Dominique Maingueneau



Fonte: MAINGUENEAU, 2008, p. 19.

De acordo com Maingueneau, o *ethos* (efetivo) é o resultado das articulações estabelecidas entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O *ethos* pré-discursivo se refere às imagens ou estereótipos que o auditório possui em relação ao enunciador ou a determinadas práticas discursivas. O *ethos* discursivo (mostrado/dito) se refere ao uso de elementos linguísticos pelo enunciador para a construção da imagem de si mesmo durante o ato enunciativo<sup>2</sup>. Assim como o *ethos* pré-discursivo pode afetar a estruturação do *ethos* discursivo (mostrado ou dito), o *ethos* discursivo (mostrado ou dito) pode interferir na concepção do *ethos* pré-discursivo. A dialética pauta a relação entre as duas formas de *ethos*.

Vale lembrar que o *ethos* pré-discursivo está ancorado em uma série de imagens externas à manifestação do enunciador (estereótipos) uma vez que a sua imagem é construída pelo auditório antes mesmo da sua enunciação. Essa imagem está relacionada aos modelos culturais compartilhados por determinada sociedade e cristalizados no imaginário dela. O *ethos* discursivo (dito ou mostrado) leva em conta as imagens partilhadas, mas depende, antes de tudo, da estruturação do discurso do orador e da forma como o auditório processa esse discurso. Conforme

<sup>2</sup> Conforme explica Ruth Amossy (2008), sobre o *ethos* pré-discursivo, mesmo que auditório não possua uma imagem inicial do enunciador, o gênero textual que ampara o ato enunciativo, as características da formação discursiva e o posicionamento ideológico manifestado no texto ajudam a inferir características do *ethos* do enunciador.

explica Ruth Amossy, no momento em que toma a palavra, o orador “faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo” (AMOSSY, 2008, p.125).

O *ethos*, portanto, é revelador através de três dimensões: a) o modo como o enunciador se comporta; b) as estratégias de expressão que o enunciador adota; c) as imagens prévias (estereótipos, para Maingueneau), tanto as elaboradas pelo auditório em relação ao enunciador, quanto do enunciador em relação ao auditório.

A esta altura, podemos nos perguntar que especificidades possuiriam o *ethos* editorial quilombola? Como se estruturaria este *ethos*? Ele se valeria de que estratégias? Como pretenderia ser percebido pelo horizonte de recepção?

É nossa intenção, nas próximas páginas, responder justamente a estas questões. Por ora, adiantamos que o *ethos* efetivo (ou propriamente discursivo) de que tratamos neste estudo estrutura-se por meio de determinados elementos fiadores do discurso, a saber: a construção da credibilidade da casa editorial ou da pessoa do editor; o senso de comunitarismo; e o combate ao mentecídio, conforme definido por Abdias do Nascimento (1980).

#### **4. Quilombismo editorial e *ethos* discursivo: articulações**

Conforme apontamos, as estratégias de configuração do *ethos* discursivo de natureza quilombola, a que este trabalho faz menção, subdividem-se em três categorias, as quais chamamos de elementos fiadores do discurso. São elas: a) construção da credibilidade da casa ou pessoa do editor; b) o senso comunitarista; c) o combate ao mentecídio. As três categorias de construção do *ethos* aqui tratado situam-se, vale lembrar, tanto na dimensão pré-discursiva, por meio da partilha do imaginário prévio que se espera de uma casa editorial e da figura do editor; quanto na dimensão discursiva, seja ela de maneira mostrada imageticamente ou propriamente dita em linguagem verbal. Gostaríamos de enfatizar que as categorias aqui elencadas articulam-se entre si no *ethos* quilombola. Não é viável pensar as estratégias de maneira estanque, sob o risco de se perder justamente a *articulação necessária* entre elas, o que, aliás, é a essência do *ethos* que queremos melhor compreender.



A ancoragem em **elementos fiadores do discurso** leva em conta a manifestação discursiva do enunciador, no caso, o site da editora Mazza. O discurso procura ratificar a dimensão subjetiva do enunciador, ainda que institucional, de maneira a estabelecer identidade imediata com aquele que lê. Pronomes de tratamentos em primeira pessoa fazem parte da estratégia enunciativa. A editora procura ratificar seu caráter independente e elencar as suas ações voltadas à mediação cultural. Não são raras as casas de publicação que organizam concursos literários, produzem antologias, viabilizam revistas impressas ou digitais, ampliam seus canais de interação com os leitores pela internet, tudo isso no afã de reconectar edição e leitor. Os elementos fiadores podem também recorrer a um imaginário cultural previamente partilhado entre editora e leitor. Leitor e editor aqui se equiparam como agentes transformadores do campo editorial e cultural, cada um ao seu modo. Além disso, são convocados, assim, escritores e figuras decisivas para a trajetória do povo afrodescendente, resultado tanto da partilha do senso comunitarista quanto do combate ao mentecídio, conforme veremos a seguir.

A **credibilidade da casa editorial ou da pessoa do editor** é construída por meio do destaque conferido a determinadas imagens e representações, verbais e não verbais, do editor, entendido como pessoa física, ou casa de publicação. As credenciais da pessoa que edita são colocadas em relevo. Aspectos da biografia, tais como formação e experiência, são articuladas com a identidade negra e ganham significativo destaque nas páginas de apresentação das editoras. A casa editorial também é representada como lugar de abrigo ou acolhida aos discursos do povo negro. Estas estratégias estão amparadas pelo imaginário social prévio acerca do editor como instância de “decisão e comando”, isto é, aquele que “decide que textos vão ser transformados em livros, pensando em determinado público” (BRAGANÇA, 2005, p. 224). Ainda que as funções de um editor ou de uma casa editorial não se resumam apenas às demandas relativas à publicação de textos, essas são as imagens correntes em nossa sociedade quando o assunto é a figura do editor ou de uma casa editorial.

O **senso comunitarista** significa estabelecimento de imediata conexão identitária entre o enunciador e o destinatário da mensagem. Enunciador e auditório fazem parte uma comunidade identitária, a qual o discurso procura fazer referência. A enunciação das editoras inclui o leitor no horizonte de representação/enunciação por meio de imagens (não verbais

e verbais) em que a pluralidade negra seja destaque. Do ponto de vista das imagens não verbais, predominam fotos e ilustrações em que a coletividade negra esteja em primeiro plano. Já do ponto de vista das imagens verbais – foco do nosso interesse aqui – é recorrente o uso da primeira pessoa do plural. Resguardando limites e proporções, metaforicamente, o senso comunitarista, neste contexto, significa reavivar o sentido quilombola da resistência coletiva, ou seja, do agrupamento ou reunião de forças para o exercício de sobrevivência. As estratégias enunciativas, portanto, estão pautadas na memória histórica partilhada pelo coletivo afrodiaspórico, uma vez que a enunciação do site da Mazza Edições espera, num primeiro momento, que o auditório seja preferencialmente negro. São também convocadas reflexões acerca do colonialismo e suas ressonâncias na estruturação da sociedade brasileira. Assim, as vivências afrodiaspóricas fazem-se presentes e partilhadas pelos participantes do ato comunicativo pressuposto pelo portal *web* da editora.

**O combate ao mentecídio** advém da consciência do apagamento dos saberes afrodiaspóricos nos territórios que passaram pela colonização e em que alastra o racismo cotidiano. A editora Mazza estabelece discursos contrários ao racismo e à discriminação, ao mesmo tempo em que coloca em primeiro plano a produção do saber afrodescendente. Conforme explica Abdias do Nascimento (1980), o mentecídio não é o mesmo que epistemicídio. Este termo pressupõe uma razão ocidental pautada por normativas e operações racionalizadas de origem eurocêntrica. No âmbito das humanidades, a noção de episteme pressupõe o método como universal e aplicável a diversos contextos. Sabemos, por outro lado, que nenhum conhecimento é totalmente neutro. A universalidade é uma particularidade eleita dentre possibilidades de compreensão de um fenômeno. E, por sua vez, as instâncias formuladoras do conhecimento são processo e produto também da “racialização” das sociedades. O que queremos dizer com racialização é que as instâncias formuladoras e ratificadoras do saber possuem cor, origem econômica e interesses predefinidos. São ferramentas de controle social, as quais, de acordo com Abdias do Nascimento, exercem sobre o povo negro

constante lavagem cerebral, visando entorpecer ou castrar sua capacidade de raciocínio. Esta tarefa vil quase não encontra obstáculo à sua frente, devido à situação de penúria, fome, degradação física e moral em que são mantidas as massas afro-brasileiras. Esta forma de mentecídio contribui muito

significativamente para o resultado ótimo buscado pela estratégia do seu aniquilamento total. (NASCIMENTO, 1980, p. 25).

Esta eliminação, para o autor, é tanto de ordem física, quanto de ordem simbólica. Neste caso, entrariam em cena, nos espaços coloniais ou pós-coloniais, mecanismos de apagamento das memórias de África e da própria diáspora negra. Do ponto de vista da disseminação das ideias, a lógica não é diferente. Por isso, adotamos a terminologia “mentecídio”.

Quando Abdias do Nascimento utilizou o termo mentecídio, aliás, ele se referia ao combate a qualquer tentativa de bloqueio à expressividade do sujeito negro desde dentro. Pode parecer pouco, mas não é. Num universo editorial onde predominam as editoras e os autores de pele clara<sup>3</sup>, tomar a palavra e garantir espaço de produção e circulação de sujeitos negros significa a passagem de horizonte de representação a horizonte de enunciação e, portanto, alteração do estado de coisas: de objeto a sujeito. O combate ao mentecídio, neste sentido, significa também a guerra contra o silenciamento do produtor cultural/editor negro, entendido em sentido amplo.

Na próxima seção, portanto, analisaremos o site da Mazza Edições e como ele estrutura seu *ethos* discursivo de natureza quilombola.

## 5. (O site da) Mazza Edições

O site da Mazza Edições (<https://www.mazzaedicoes.com.br>) é um dos que melhor encena o que chamamos de *ethos* quilombola. No portal *web* estão presentes os três elementos fiadores do discurso. A aba “Editora” é responsável pela apresentação da casa editorial e da figura da editora (pessoa).

---

<sup>3</sup> A este respeito, vale conferir DALCASTAGNÈ (2011; 2012).

Figura 2: Vista da entrada do site da Mazza Edições



Fonte: <https://mazzaedicoes.com.br/>

A construção da credibilidade leva em conta tanto a trajetória da casa, quanto a trajetória de sua editora e fundadora, Maria Mazarello. O site afirma que a casa está em funcionamento ao longo de mais quarenta anos, “levando o melhor da cultura brasileira e afro-brasileira aos seus leitores”<sup>4</sup>. A editora, fundada em 1981, acompanhou as quatro últimas décadas da história recente do país. Ela testemunhou o final da ditadura, a redemocratização, a ascensão do neoliberalismo no Brasil, a eleição de um governo popular, o “golpe” de 2016 e os atuais tempos incertos. Do ponto de vista de fatos decisivos para o coletivo negro, vale destacar o centenário da abolição da escravatura, a expansão de políticas de cotas, o combate ao racismo e o recrudescimento do conservadorismo e do racismo nos últimos anos. No imaginário, a mensagem do site sugere que “a editora esteve sempre com você, leitor”<sup>5</sup>, nos principais acontecimentos do país e sempre a defender a causa negra. Ao mesmo

<sup>4</sup> MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. Disponível em: <<https://mazzaedicoes.com.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

<sup>5</sup> MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. Disponível em: <<https://mazzaedicoes.com.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2020

tempo, o site destaca o pioneirismo e o preparo da sua fundadora, Maria Mazarello, para a função. Essa experiência passa por vivências editoriais anteriores e pela formação no exterior.

Figura 3: Aba Maria Mazarello<sup>6</sup>



Fonte: <https://mazzaedicoes.com.br/>

A credibilidade, portanto, acena para a imagem do editor como aquele que autoriza o que deve ou não circular na cena pública, porque testemunha os fatos marcantes do país. A imagem do editor (*ethos* pré-discursivo), partilhada no imaginário nacional, é fundamental para o estabelecimento de identidade entre enunciador e auditório. Já o *ethos* discursivo é construído pelas escolhas de signos decisivos para a confirmação da credibilidade da casa e da pessoa que edita: é “fundadora”, detentora de vasto “percurso intelectual e humano”, possui “experiência acumulada” e “testemunhou alguns dos principais acontecimentos da sociedade brasileira das últimas décadas”. O *ethos* editorial quer se estabelecer como detentor de credibilidade, ou seja, a casa sabe onde está situada e, logo, sabe o que faz. O discurso sugere que o testemunho da casa e da editora é partilhado com o leitor, com o qual procura estabelecer

<sup>6</sup> Maria Mazarello Rodrigues, fundadora da MAZZA EDIÇÕES, tem seu percurso intelectual e humano marcado pelo envolvimento com as questões sociais, políticas e culturais do Brasil. A experiência acumulada como uma das fundadoras da Editora do Professor e da Editora Vega, nos anos 1960 e 1970, e, logo após, com o mestrado em Editoração realizado em Paris, se consolidou através da MAZZA EDIÇÕES, que testemunhou alguns dos principais acontecimentos da sociedade brasileira das últimas décadas. (MAZZA EDIÇÕES. *Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência*, 2021. A Editora. Disponível em: <<https://mazzaedicoes.com.br/a-editora/>>. Acesso em: 12 maio 2021).

imediate identidade. Afinal, editora e leitor seriam processos e produtos dos referidos acontecimentos.

E é justamente por meio desta pretensa partilha de identidade que o *ethos* editorial de natureza quilombola, construído pela Mazza Edições, procura estabelecer o senso de comunitarismo. Os elementos não verbais e verbais atuam neste sentido. Nosso foco, como dissemos, serão os elementos verbais. A casa editorial procura se aproximar dos leitores a partir da sugestão de que as pautas deles também são as da casa de publicação:

Figura 4: Aba Editora<sup>7</sup>



As áreas de atuação da **MAZZA EDIÇÕES** são: Antropologia, Sociologia, História (publicações referentes às práticas do sagrado, aos movimentos sociais e à formação da historiografia brasileira), Educação (publicações sobre as relações entre escola e sociedade, material didático e paradidático), Literatura Brasileira (prosa e poesia contemporâneas), Literatura Infantil e Infantojuvenil (coleções interativas e paradidáticas, livros de imagens).

Com o objetivo de ampliar sua atuação no mercado de obras Infantis e Infantojuvenis, **Marta Mazarello Rodrigues** aposta na criação de seu novo selo editorial, a **PENNINHA EDIÇÕES**. O nome do novo selo é uma homenagem à sua mãe, **Amarilles Pena Rodrigues**, falecida em 1976.

Em face dos desafios gerados pela nova ordem social no Brasil e no mundo, com destaque para a aceleração do Fluxo de Informações, a **MAZZA EDIÇÕES** se propõe a atuar com sentido crítico para oferecer aos seus leitores e clientes obras que contribuam para uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído. E não poderia ser outro o desejo de todos os que fazem da **MAZZA EDIÇÕES** uma editora e, mais que isso, uma casa de cultura viva.

Fonte: <https://mazzaedicoes.com.br/>

Ao afirmar que “o desejo de todos” faz da Mazza Edições não só uma editora, mas “uma casa de cultura viva”, o site deixa entender a missão da empresa: atender aos anseios dos leitores. Entretanto, estes leitores, imaginados nos estereótipos/desejados pelo *ethos* pré-discursivo, possuem cor, trajetória, experiências e heranças culturais comuns. No imaginário discursivo, os leitores/clientes são prioritariamente negros. Os pontos de articulação de uma identidade comum – passado, presente

<sup>7</sup> A MAZZA EDIÇÕES se propõe a atuar com sentido crítico para oferecer aos seus leitores e clientes obras que contribuam para uma melhor compreensão do passado, do presente e do futuro a ser construído. E não poderia ser outro o desejo de todos os que fazem da MAZZA EDIÇÕES uma editora e, mais que isso, uma casa de cultura viva. (MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. A Editora. Disponível em: <<https://mazzaedicoes.com.br/a-editora/>>. Acesso em: 12 maio 2021).

e futuro – arregimentam o senso de comunitarismo. Afinal, a “casa de cultura viva”, como o texto afirma, só é possível porque já partilha de desejos entre enunciador (site da editora) e auditório (leitores/clientes).

A consequência deste desejo comum é alteração do estado de coisas que a vivacidade da casa pode provocar. Esta alteração pode ser entendida, nos termos deste estudo, como combate ao mentecídio. Vejamos:

Figura 5: Aba A Editora<sup>8</sup>

A **MAZZA EDIÇÕES** reflete em seu catálogo o empenho de escritores e leitores, que acreditam na construção de uma sociedade baseada na ética, na justiça e na liberdade. Acreditando nisso, investiu na publicação de autores / autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira relacionada, por sua vez, a um largo segmento das populações excluídas no Brasil. No tocante a essa temática, a Editora se tornou referência nacional e internacional, na medida em que contribui para os debates acerca da diversidade sócio-cultural de nosso país.

Fonte: <https://mazzaedicoes.com.br/>

A editora se coloca como defensora de valores essenciais para o desenvolvimento da sociedade: a ética, a justiça e a liberdade. Na visão da Mazza Edições, a ética se manifesta no catálogo, o qual não contém obras que contrariem os direitos humanos, por exemplo. A justiça advém de uma necessidade política de abrir espaços para a veiculação de uma vasta e diversa discursividade negra, relacionada “a um largo segmento das populações excluídas”<sup>9</sup> dos meios simbólicos do poder no Brasil. A liberdade, assim, é consequência do desejo de justiça na cena cultural.

<sup>8</sup> A MAZZA EDIÇÕES reflete em seu catálogo o empenho de escritores e leitores, que acreditam na construção de uma sociedade baseada na ética, na justiça e na liberdade. Acreditando nisso, investiu na publicação de autores/autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira relacionada, por sua vez, a um largo segmento das populações excluídas no Brasil. No tocante a essa temática, a Editora se tornou referência nacional e internacional, na medida em que contribui para os debates acerca da diversidade sociocultural de nosso país. MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. A Editora. Disponível em: <<https://mazzaedicoes.com.br/a-editora/>>. Acesso em: 12 maio 2021.

<sup>9</sup> MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. A Editora. Disponível em: <<https://mazzaedicoes.com.br/a-editora/>>. Acesso em: 12 maio 2021..

## 6. Considerações finais

Considerando os argumentos acima, é possível delinear as linhas essenciais do *ethos* discursivo, de natureza quilombola, empreendido pela Mazza Edições, por meio de seu site institucional. Elementos fiadores do discurso procuram estabelecer identidade direta com o horizonte de recepção. Para isso, o discurso de apresentação da editora procura se amparar na memória histórica que ampara a experiência negra no Brasil. O leitor é “convocado” a se engajar no projeto editorial da casa de publicação, a qual, por sua vez, tenta evidenciar que as demandas e anseios dos leitores serão contemplados no catálogo. Estratégias discursivas e imagens pré-discursivas (estereótipos) ajudam a estabelecer a pretensa identidade “ideal” entre leitor e enunciador.

A centralidade da casa em autores negros ratifica o vetor dos valores essenciais, ao mesmo tempo que aponta para a necessidade de combate ao mentecídio. As áreas de publicação da editora, conforme seu site, abrangem Antropologia, Sociologia, História (práticas do sagrado, movimentos sociais e formação da historiografia brasileira), Educação (relações entre escola e sociedade, material didático e paradidático), Literatura Brasileira (prosa e poesia contemporâneas), Literatura Infantil e Infantojuvenil (coleções interativas e paradidáticas, livros de imagens). Por meio das áreas de atuação do catálogo, é evidente o desejo de atuação no universo simbólico e o conseqüente anseio de alteração do estado de coisas em nossa sociedade. Afinal, a editora procura atuar em áreas historicamente dominadas por atores brancos e por uma episteme branca. O *ethos* assumido pela Mazza Edições, portanto, representa um contraponto possível a este cenário calcado na branquitude.

Além disso, o *ethos* discursivo da Mazza Edições aposta no estabelecimento de um amplo senso de comunitarismo. Em primeiro lugar, conforme o site da editora, ela se tornou “referência nacional e internacional, na medida em que contribui para os debates acerca da diversidade sociocultural de nosso país”<sup>10</sup>. Significa dizer que ela não está sozinha na missão de difundir a expressividade negra. A editora conta com apoio de atores sociais brasileiros e estrangeiros, isto é, de leitores. O mesmo vale para os autores, já que a casa possui nomes

---

<sup>10</sup> MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. Página inicial. Disponível em: <<https://www.mazzaedicoes.com.br>>. Acesso em: 12 maio 2021.



internacionais em seu catálogo. Assim, a discursividade do site sugere a Mazza como espaço para trânsito de demandas e discursos de uma vasta comunidade herdeira da diáspora. Aos modos de um quilombo, a Mazza Edições atua como território de lutas e reconexão com as raízes, ainda que perdidas. Espaço para livre trânsito de ideias e sujeitos. Local de vivência da negritude. Local de lutas contra a opressão e, arriscaria dizer, de resistência ao racismo estrutural, justamente por meio da encenação de um *ethos* discursivo de natureza quilombola.

### Agradecimento

Agradeço à FAPEMIG pelo apoio financeiro que viabilizou esta pesquisa.

### Referências

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. ANDRADE, M. F.. A revolta de Carrancas: uma das rebeliões mais sangrentas da história da escravidão no Brasil. In: FIGUEIREDO, L.. *A era da escravidão*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. pp. 51-58.

ANDRADE, M. F.. *Elites regionais e a formação do Estado imperial: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008

BRAGANÇA, A.. Sobre o editor: notas para sua história. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, v. 1, n. 26, p. 13-71, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro; Vinhedo: Ed. UERJ; Horizonte, 2012.

DUARTE, E. de A.. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. In: DUARTE, E. de A.; FONSECA, M. N. S.. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 4. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 375-403

FARIA, S. de C.. Identidade e comunidade escrava: um ensaio. *Tempo*. Niterói, n. 22;122- 146, jan. 2007. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/v11n22a07.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/v11n22a07.pdf). Acesso em: 1 mar. 2011.

GRINBERG, KK; BORGES, M. F.; SALLES, R.. Rebeliões escravas antes da extinção do tráfico. In: GRINBERG, KK; BORGES, M. F.; SALLES, R.. *O Brasil Imperial* – volume I – 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 235-271.

LÓPEZ WINNE, H.; MALUMIÁN, V.. *Independientes, ¿de qué?* Hablan los editores de América Latina. México: FCE, 2016;

MAINGUENEAU, D.. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008 p.11-29.

MAZZA EDIÇÕES. Mazza Edições – Pioneirismo e Resistência, 2021. Página inicial. Disponível em: <https://www.mazzaedicoes.com.br>.

MBEMBE, A.. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

NASCIMENTO, A.. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, L. H. S.. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 155-170, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.28.4.155-170>.

REIS, J. J.. *Rebelião escrava no Brasil* - a história do levante dos Malês em 1835. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em: 29 de junho de 2021.

Aprovado em: 14 de fevereiro de 2022.